

Fil.

Professor: Gui de Franco
Monitor: Debora Andrade



Este conteúdo pertence ao Descomplica. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

EXERCÍCIOS

1. O trecho abaixo faz uma referência ao procedimento investigativo adotado por Sócrates.

“O fato é que nunca ensinei pessoa alguma. Se alguém deseja ouvir-me quando falo ou me encontro no desempenho de minha missão, quer se trate de moço ou velho (...) me disponho a responder a todos por igual, assim os ricos como os pobres, ou se o preferirem, a formular-lhes perguntas, ouvindo eles o que lhes falo.”

PLATÃO. Apologia de Sócrates. Belém: EDUFPA, 2001. (33a – b)

Marque a alternativa que melhor representa o “método” socrático.

- a) Sócrates nada ensina porque apenas transmite aquilo que ouve do seu daímon. Seu procedimento consiste em discursar, igualmente para qualquer ouvinte, com longos discursos demonstrativos retirados da tradição poética ou com perguntas que levam o interlocutor a fazer o mesmo. A ironia é o expediente utilizado contra os adversários, cujo objetivo é somente a disputa verbal.
 - b) A profissão de ignorância e a ironia de Sócrates fazem parte do seu procedimento geral de refutação por meio de perguntas e respostas breves (o élenkhos), e constituem um meio de reverter os argumentos do interlocutor para fazê-lo cair em contradição. A refutação socrática revela a presunção de saber do adversário, pela insuficiência de suas definições e pela aporia.
 - c) Sócrates nunca ensina pessoa alguma, porque a profissão de ignorância caracteriza o modo pelo qual encoraja seus discípulos a adquirirem sabedoria diretamente do deus do Oráculo de Delfos. A ironia socrática é uma dissimulação que, pela zombaria, revela as verdadeiras disposições do pequeno número dos que se encontram aptos para a Filosofia.
 - d) Sócrates nunca ensina pessoa alguma sem antes testar sua aptidão filosófica por meio de perguntas e respostas. Seu procedimento consiste em destruir as definições do adversário por meio da ironia. A ignorância socrática encoraja o adversário a revelar suas opiniões verdadeiras que, pela refutação, dão a medida da aptidão para a vida filosófica
2. Do lado oposto da caverna, Platão situa uma fogueira – fonte da luz de onde se projetam as sombras – e alguns homens que carregam objetos por cima de um muro, como num teatro de fantoches, e são desses objetos as sombras que se projetam no fundo da caverna e as vozes desses homens que os prisioneiros atribuem às sombras. Temos um efeito como num cinema em que olhamos para a tela e não prestamos atenção ao projetor nem às caixas de som, mas percebemos o som como proveniente das figuras na tela.

MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da filosofia. 2001.

Explique o significado filosófico da Alegoria da Caverna de Platão, comentando sua importância para a distinção entre aparência e essência.

3. A República de Platão consiste na busca racional de uma cidade ideal. Sua intenção é pensar a política para além do horizonte da decadência da cidade-Estado no século de Péricles. O esquema a seguir mostra como se organizam as classes, segundo essa proposta.

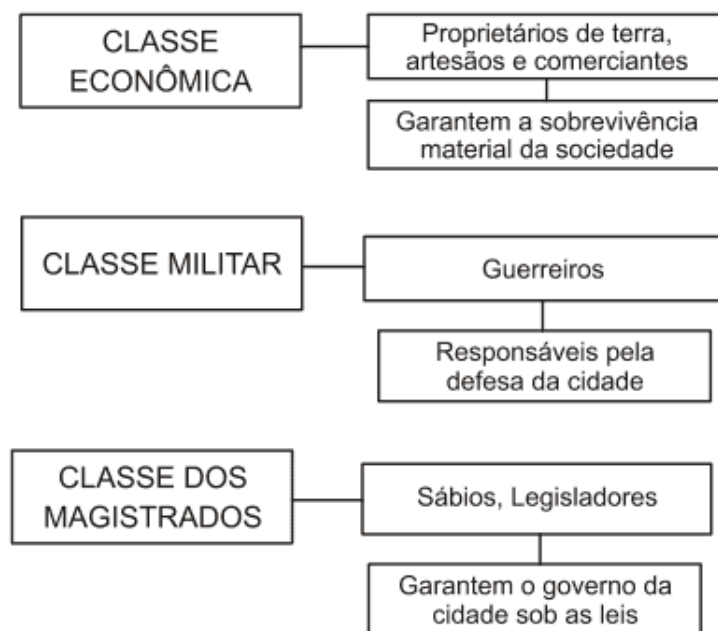


Figura: Esquema de organização social na *República de Platão*.

(Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2009/02/a_republica_de_platao_uma_alternativa_para_a_organ.htm>. Acesso em: 8 abr. 2013.)

Com base na obra de Platão e no esquema, atribua V (verdadeiro) ou F (falso) às afirmativas a seguir.

- () As três imagens do Bem na cidade justa de Platão, o Anel de Giges, a Imagem da Linha e a da Caverna, correspondem, respectivamente, à organização das três classes da República.
- () Na cidade imaginária de Platão, em todas as classes se contestam a família nuclear e a propriedade privada, fatores indispensáveis à constituição de uma comunidade ideal.
- () Na cidade platônica, é dever do filósofo supri-la materialmente com bens duráveis e alimentos, bem como ser responsável pela sua defesa.
- () O conceito de justiça na cidade platônica estende-se do plano político à tripartição da alma, o que significa que há justiça na República mesmo havendo classes e diferenças entre elas.
- () O filósofo, pertencente à classe dos magistrados, é aquele cuja tarefa consiste em apresentar a ideia do Bem e ordenar os diferentes elementos das classes, produzindo a sua harmonia.

Assinale a alternativa que contém, de cima para baixo, a sequência correta.

- a) V – V – F – F – F.
- b) V – F – V – V – F.
- c) F – V – V – F – V.
- d) F – V – F – V – F.
- e) F – F – F – V – V.

4. A sabedoria de Sócrates, filósofo ateniense que viveu no século V a.C., encontra o seu ponto de partida na afirmação **“sei que nada sei”**, registrada na obra *Apologia de Sócrates*. A frase foi uma resposta aos que afirmavam que ele era o mais sábio dos homens. Após interrogar artesãos, políticos e poetas, Sócrates chegou à conclusão de que ele se diferenciava dos demais por reconhecer a sua própria ignorância.

O **“sei que nada sei”** é um ponto de partida para a filosofia, pois

- a) aquele que se reconhece como ignorante torna-se mais sábio por querer adquirir conhecimentos.
- b) é um exercício de humildade diante da cultura dos sábios do passado, uma vez que a função da filosofia era reproduzir os ensinamentos dos filósofos gregos.
- c) a dúvida é uma condição para o aprendizado e a filosofia é o saber que estabelece verdades dogmáticas a partir de métodos rigorosos.

d) é uma forma de declarar ignorância e permanecer distante dos problemas concretos, preocupando-se apenas com causas abstratas.

5. Para **Aristóteles** “o homem é por natureza um animal político”, isto é, um ser vivo (**zoon**) que, por sua natureza (**phusei**), é feito para a vida da cidade (**bios politikós**, a comunidade política). Essa definição revela a intenção teleológica do filósofo na caracterização do sentido último da vida do homem: o viver na polis, onde o homem se realiza como cidadão (**politai**) manifestando, no termo de um processo de constituição de sua essência, a sua natureza.

Sobre a natureza política do ser humano, de acordo com o pensamento de Aristóteles, não é correto afirmar que:

- a) O “**zoon politikon**” não deve ser compreendido como “animal socialis” da tradução latina. Este desvio semântico resultou num sentido alargado do termo grego que acabou se identificando com o social. Para Aristóteles, o social significava mais o instinto gregário, algo que os homens compartilham com algumas espécies de animais.
- b) O simples viver junto, em sociedade, não caracteriza a destinação última do homem: a “**politicidade**”. A verdadeira vida humana deve almejar a organização política, que é uma forma superior. A partir da compreensão da natureza do homem determinados aspectos da vida social adquirem um estatuto eminentemente político, tais como: a noção de governo, de dominação, de liberdade, de igualdade, do que é comum, do que é próprio, entre outras.
- c) Aristóteles acreditava que a sociedade nascia de um consenso, e que, portanto, não era natural, a despeito da natureza política do homem. Isso implica em que, o homem poderia viver fora da comunidade política.
- d) Entre os filósofos contemporâneos, Marx é um daqueles que faz referência explícita ao pensamento aristotélico e a sua definição de homem como animal político, especialmente em Os fundamentos da crítica da economia política escrito em 1857/1858.
- e) Reconhecer a natureza política do homem é, para Aristóteles, uma forma de publicizar a ética de forma a considerá-la como uma instância de governo das relações sociais que tem sempre em vista o Bem coletivo.

6. “[...] não é fácil determinar de que maneira, e com quem e por que motivos, e por quanto tempo devemos encolerizar-nos; às vezes nós mesmos louvamos as pessoas que cedem e as chamamos de amáveis, mas às vezes louvamos aquelas que se encolerizam e as chamamos de viris. Entretanto, as pessoas que se desviam um pouco da excelência não são censuradas, quer o façam no sentido do mais, quer o façam no sentido do menos; censuramos apenas as pessoas que se desviam consideravelmente, pois estas não passarão despercebidas. Mas não é fácil determinar racionalmente até onde e em que medida uma pessoa pode desviar-se antes de tornar-se censurável (de fato, nada que é percebido pelos sentidos é fácil de definir); tais coisas dependem de circunstâncias específicas, e a decisão depende da percepção. Isto é bastante para determinar que a situação intermediária deve ser louvada em todas as circunstâncias, mas que às vezes devemos inclinar-nos no sentido do excesso, e às vezes no sentido da falta, pois assim atingiremos mais facilmente o meio-termo e o que é certo.”

Aristóteles. Ética a Nicômaco. Livro II. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 150. Coleção Os Pensadores.

Uma vez que Aristóteles antes define as virtudes como disposições de caráter e, na passagem, acrescenta que as virtudes situam-se num “meio-termo”, de que modo devem ser definidos os vícios? Por quê?

7. Em meados do século IV a.C., Alexandre Magno assumiu o trono da Macedônia e iniciou uma série de conquistas e, a partir daí, construiu um vasto império que incluía, entre outros territórios, a Grécia. Essa dominação só teve fim com o desenvolvimento de outro império, o romano. Esse período ficou conhecido como helenístico e representou uma transformação radical na cultura grega. Nessa época, um pensador nascido em Élis, chamado Pirro, defendia os fundamentos do ceticismo. Ele fundou uma escola filosófica que pregava a ideia de que:

- a) seria impossível conhecer a verdade.
- b) seria inadmissível permanecer na mera opinião.
- c) os princípios morais devem ser inferidos da natureza.

d) os princípios morais devem basear-se na busca pelo prazer.

8. Afirma o filósofo Epicuro (séc. III a.C.), conhecido pela defesa de uma filosofia hedonista:

“(...) o prazer é o começo e o fim da vida feliz. É ele que reconhecemos como o bem primitivo e natural e é a partir dele que se determinam toda escolha e toda recusa e é a ele que retornamos sempre, medindo todos os bens pelo cânon do sentimento. Exatamente porque o prazer é o bem primitivo e natural, não escolhemos todo e qualquer prazer; podemos mesmo deixar de lado muitos prazeres quando é maior o incômodo que os segue.”

(EPICURO, A vida feliz. In: ARANHA, M. L.; MARTINS, M. P. Temas de filosofia. 3.ª ed. rev. São Paulo: Moderna, 2005, p. 228.)

Considerando os conceitos de Epicuro, é correto afirmar que

(01) estudar todo dia não é bom porque a falta de prazer anula todo conhecimento adquirido.

(02) todas as escolhas são prazerosas porque naturalmente os seres humanos rejeitam toda dor.

(04) comer uma refeição nutritiva e saborosa em demasia é ruim porque as consequências são danosas ao bem estar do corpo.

(08) a beleza corporal é uma finalidade da vida humana porque o prazer de ser admirado é a maior felicidade para o ser humano.

(16) o prazer não é necessariamente felicidade porque ele pode gerar o seu contrário, a dor.

SOMA: ()

9. Segundo o texto abaixo, de Agostinho de Hipona (354-430 d. C.), Deus cria todas as coisas a partir de modelos imutáveis e eternos, que são as ideias divinas. Essas ideias ou razões seminais, como também são chamadas, não existem em um mundo à parte, independentes de Deus, mas residem na própria mente do Criador,

“[...] a mesma sabedoria divina, por quem foram criadas todas as coisas, conhecia aquelas primeiras, divinas, imutáveis e eternas razões de todas as coisas, antes de serem criadas [...]” Sobre o Gênese, V

Considerando as informações acima, é correto afirmar que se pode perceber:

a) que Agostinho modifica certas ideias do cristianismo a fim de que este seja concordante com a filosofia de Platão, que ele considerava a verdadeira.

b) uma crítica radical à filosofia platônica, pois esta é contraditória com a fé cristã.

c) a influência da filosofia platônica sobre Agostinho, mas esta é modificada a fim de concordar com a doutrina cristã.

d) uma crítica violenta de Agostinho contra a filosofia em geral.

10. **“Fique claro que Tomás não aristoteliza o cristianismo, mas cristianiza Aristóteles.** Fique claro que ele nunca pensou que, com a razão se pudesse entender tudo; não, ele continuou acreditando que tudo se compreende pela fé: só quis dizer que a fé não estava em desacordo com a razão, e que, portanto, era possível dar-se **ao luxo de raciocinar, saindo do universo da alucinação.**”

Eco, Umberto. “Elogio de santo Tomás de Aquino”. In: Viagem na irreabilidade cotidiana, p.339.

É correto afirmar, segundo esse texto, que:

a) Tomás de Aquino, com a ajuda da filosofia de Aristóteles, conseguiu uma prova científica para as certezas da fé, por exemplo, a existência de Deus.

b) Tomás de Aquino se empenha em mostrar os erros da filosofia de Aristóteles para mostrar que esta filosofia é incompatível com a doutrina cristã.

c) o estudo da filosofia de Aristóteles levou Tomás de Aquino a rejeitar as verdades da fé cristã que não fossem compatíveis com a razão natural.

d) a atitude de Tomás de Aquino diante da filosofia de Aristóteles é de conciliação desta filosofia com as certezas da fé cristã.

11. **“Não houve preocupação com as consequências da revolução copernicana senão depois de Giordano Bruno ter extraído dela certas consequências filosóficas.** Bem depressa Giordano Bruno estava a afirmar

a infinidade do mundo. Rejeitava, pois, por completo, a noção de "centro do universo". O Sol, perdido o lugar privilegiado que Copérnico lhe atribuía, era um sol entre outros sóis, uma estrela entre estrelas.”

DELUMEAU, Jean. "A civilização do Renascimento". Lisboa: Editorial Estampa, 1994. p. 147. [Adaptado].

O texto refere-se à importância dos pronunciamentos de Giordano Bruno para a constituição da noção moderna de Universo, que se relaciona com

- a) a definição de um Universo concebido como fechado e finito.
- b) o abandono da idéia de um Universo criado por Deus.
- c) a ruptura da concepção geocêntrica do Universo.
- d) a percepção de que o Universo é contido numa esfera.
- e) a compreensão heliocêntrica do Universo.

12. Coube ao cientista italiano Galileu Galilei, que viveu no final do Renascimento, definir os princípios que até hoje orientam a pesquisa científica. Ele defendia a plena liberdade de pesquisa e afirmava que os conhecimentos científicos devem ser avaliados exclusivamente à luz da observação, da razão e da experimentação.

Comente essas ideias e discorra sobre a influência da atividade científica para a formação da consciência dos seres humanos.



GABARITO

Exercícios

1. b
A ironia socrática não é nem dissimulação, nem mera disputa verbal, tampouco uma refutação de opiniões verdadeiras. Trata-se sim de um procedimento purgativo, que tinha como objetivo fazer o interlocutor reconhecer sua própria ignorância, a fim de que ele pudesse buscar retamente o conhecimento.
2. A Alegoria da Caverna foi usada por Platão para demonstrar a concepção de que vivemos em um mundo que é apenas reflexo do mundo verdadeiro, isto porque o apreendemos pelos sentidos e não pela razão. Esta condição do ser humano privado de razão o coloca em um estado de ignorância, a caverna escura, na qual fica acorrentado. O homem, na alegoria, não vê as imagens do mundo exterior, fica de costas e acompanha seus reflexos no fundo da caverna. O reflexo é a aparência, percebida pelos sentidos, e a realidade exterior à caverna é a essência, à qual o homem chega apenas pelo pensamento, pela razão. Para Platão, portanto, a transição da aparência para a essência se daria pelo uso da razão.
3. e
Na pólis ideal de Platão, a sociedade seria dividida em três classes, cada uma responsável pela realização de uma tarefa específica: a manutenção da subsistência da sociedade, a defesa da sociedade e o governo da sociedade. Os filósofos, pautados pelo conhecimento da Ideia do Bem, de que apenas eles dispõem, teriam o último papel e receberiam para isto uma formação adequada, vivendo também um tipo de vida muito diferente daquele dos da classe dos trabalhadores: entre os filósofos não haveria nem propriedade privada nem casamento.
4. a – Correta.
b) Incorreta. Reconhecer sua própria ignorância não era um exercício de humildade apenas na cultura dos sábios do passado. Além disso, a função da filosofia não era reproduzir os ensinamentos dos filósofos gregos; Sócrates era grego, viveu no período hoje denominado Antiguidade Clássica, e ele e seus contemporâneos produziam hipóteses e pensamentos sobre os mais variados assuntos concernentes à sua sociedade e cultura.
c) Incorreta. A filosofia não estabelece verdades dogmáticas a partir de métodos rigorosos. Diferentemente das ciências naturais e exatas, ela permite abordagens mais plurais dos mais variados temas, estabelecendo múltiplas interpretações sobre seus objetos.
d) Incorreta. A filosofia não se preocupa apenas com questões abstratas, mas também com questões práticas. A cidadania, os direitos dos cidadãos e a organização da sociedade eram temas de interesse e cuja materialidade podia ser sentida no cotidiano da população grega.
5. c
Na perspectiva aristotélica, o homem é naturalmente um ser social e naturalmente um ser político. Estas duas realidades são indissociáveis, isto é, não basta reconhecer que o homem tem um instinto gregário, uma inclinação à convivência (isto outros animais também possuem). É preciso notar que o homem tem uma tendência a viver em comunidades politicamente organizadas.
6. O vício é uma disposição de caráter (para agir e sentir), é um hábito, uma maneira de agir. Porque o vício situa-se num excesso ou numa falta. Porque o vício se origina nas ações, assim como a virtude (uma vez que ambos estão no mesmo espectro contínuo, no qual a virtude é o meio-termo).
7. a
Segundo o ceticismo, é impossível estabelecer qualquer tipo de conhecimento seguro, sobre o que quer que seja. **Resta apenas suspender o juízo e esperar obter nisto a “ataraxia” (tranquilidade da alma).**
8. 4 + 16.

A questão visa mostrar que Epicuro não é um hedonista, defensor de uma busca irracional e irresponsável pelo prazer. Assim, para filósofo o, diferente do que diz (02), nem todas as escolhas são boas ou prazerosas. Da mesma maneira, segundo ele, diferente do que diz (08), o prazer de ser admirado não é o maior, uma vez que o bem da alma está acima do bem do corpo. Por fim, para Epicuro, e diferente do que diz (01), é perfeitamente legítimo suportar dor por longo tempo em vista de um bem maior.

9. c

Agostinho aproxima-se da teoria das Ideias platônica na medida em que fala sobre “aquelas primeiras, divinas, imutáveis e eternas razões de todas as coisas”; distancia-se de Platão na medida em que defende que essas Ideias não existem por si mesmas, mas sim na mente de Deus, na “sabedoria divina”.

10. d

Tal como todos os grandes filósofos medievais, Santo Tomás teve como grande projeto revelar a unidade entre fé e razão, ainda que reconhecendo as diferenças entre ambas. No seu caso, tratava-se de conciliar em especial a doutrina cristã com a filosofia de Aristóteles.

11. c

A mais famosa tese de Giordano Bruno, segundo a qual o universo é infinito e, portanto, não tem centro, está diretamente conectada à crítica do geocentrismo feita por Nicolau Copérnico, bem como sua defesa do heliocentrismo.

12. O aspecto histórico da questão diz respeito ao esforço de Galileu para argumentar em favor da distinção entre a verdade da religião e o conhecimento científico, de modo que ficasse claro a dependência da primeira em relação à revelação e à Igreja, e a autonomia do segundo, cuja verdade deve pautar-se exclusivamente por sua comprovação, racionalidade e verificação. Quanto ao método científico proposto por Galileu, ele envolvia estes procedimentos de observação dos fenômenos, de formulação teórica (sobretudo matemática) de sua explicação e a realização de experiências para suscitar explicações ou para comprovar ou refutar as que tivessem sido concebidas.